

## CAPÍTULO 54

### SEXUALIDADE E GÉNERO NA FORMAÇÃO INICIAL DE EDUCADORES/AS DE INFÂNCIA E DE PROFESSORES/AS DO 1.º CEB

Filomena Teixeira, Ana V. Rodrigues y Diana Oliveira

Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/00194/2020.

#### 1. INTRODUÇÃO

As questões de sexualidade e género têm vindo a sofrer mudanças assinaláveis no modo como são percebidas e interpretadas nas sociedades. Se por um lado há argumentos que defendem a existência de uma base biológica nas diferenças de comportamento entre homens e mulheres, outros há que atribuem grande relevância à socialização e à aprendizagem social dos papéis de género, nomeadamente, através de agentes como as famílias e os media. Há ainda quem admita que tanto o sexo como o género, são construídos socialmente, argumentando que o corpo e a biologia estão sujeitos a ações humanas e a escolhas pessoais, em função de diferentes contextos. Importa assim clarificar os conceitos de sexo e género. O termo sexo refere-se, de modo geral, às diferenças anatómicas e fisiológicas que constituem os corpos feminino e masculino, enquanto que o género se associa a noções socialmente construídas de feminilidade e masculinidade, não sendo, por isso, um produto direto do sexo biológico. Autores/as como Connell, Butler, Scott e Morgan, admitem a construção social do sexo e do género, rejeitando a existência de qualquer base biológica nas diferenças de género, isto é, as “identidades de género e as diferenças de sexo encontram-se intimamente associadas em cada corpo” (Giddens, 2010, p. 114).

A sexualidade, não sendo redutível aos aspetos biológicos, é hoje entendida como diversidade, em contínua evolução, sendo uma dimensão que pode ser experienciada e vivida, em todas as etapas da vida, por cada indivíduo, enquanto pessoa sexuada. Incorpora o sexo, as identidades e os papéis de género, a orientação sexual, o erotismo, o prazer, o vínculo afetivo e a reprodução. Expressa-se através de pensamentos, fantasias,

desejos, crenças, atitudes, valores, condutas, práticas, papéis e relações (OMS, 2000). Se outrora era, a maior parte das vezes, considerada em função da heterossexualidade, agora reconhece-se a existência e expressão de diversas orientações e comportamentos sexuais (Giddens, 2010).

A visibilidade da sexualidade na agenda das políticas públicas na área da saúde e da educação, tem vindo a aumentar em diferentes países. Organizações internacionais como a Organização Mundial de Saúde (OMS), a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) e o Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/Aids (UNAIDS), têm contribuído com propostas para abordagens curriculares de formação de professores/as para a Educação em Sexualidade (ES) na perspetiva de direitos humanos, género e interculturalidade (Teixeira & Marques, 2016; Teixeira, Rodrigues & Oliveira, 2019).

Nas últimas décadas, apesar das transformações sociais e comportamentais no campo da sexualidade, as iniciativas de ES, em contexto escolar, quando existem, inserem-se, geralmente, em campanhas de saúde dentro da calendarização de datas comemorativas (como por exemplo, o dia mundial de luta contra a Sida) ou como resposta a problemáticas ocorridas na escola e/ou na comunidade, de que são exemplo, casos de gravidez, abuso sexual, violência no namoro, entre outros. Inseridas em projetos de escola ou oferecidas por entidades externas, essas sessões ocorrem, geralmente, de forma esporádica e pontual, sendo sobretudo dinamizadas por profissionais de Saúde, a quem é reconhecida competência científica para o fazer. Mesmo quando as temáticas são abordadas por docentes da escola, dando cumprimento ao estabelecido na Lei n.º 60/2009, regulamentada pela Portaria n.º 196-A/2020, baseiam-se num discurso biologizante do corpo, na reprodução humana e nas infeções sexualmente transmissíveis, com forte incidência na infeção por VIH e Sida, silenciando questões como o prazer, o desejo, a identidade de género e a orientação sexual (Teixeira & Marques, 2012).

A par desta realidade, pudemos constatar numa investigação iniciada em 2017<sup>14</sup> que, em Portugal, das 20 Instituições de Ensino Superior (IES) públicas (13 Politécnicos e 7 Universidades) que ministram cursos de Educação Básica, requisito necessário para

---

14 Em 2016/2017 encetou-se uma investigação sobre ES, que envolveu seis IES com cursos de formação inicial de Educadores/as de Infância e de Professores/as do 1.º CEB, de 4 países iberoamericanos: Portugal, Espanha, Brasil e Argentina. Este estudo foi realizado no âmbito do projeto de Investigação “La educación en sexualidad y igualdad en la formación inicial de profesorado y educadores sociales: análisis comparativo España, Portugal, Brasil y Argentina”, sediado na Universidad de Castilla La Mancha (Espanha), tendo tido como instituições parceiras em Portugal, a Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Coimbra e o Departamento de Educação e Psicologia da Universidade de Aveiro, através do Centro de Investigação Didática e Tecnologia na Formação de Formadores (CIDTFF).

aceder aos mestrados de Formação Professores/as, apenas 17 possuem o Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico (CEB), alvo do nosso estudo. Acontece que, nenhuma dessas IES possui, neste curso, qualquer oferta formativa de unidades curriculares (UC) de ES. Já na Licenciatura em Educação Básica, constatou-se haver apenas uma IES que disponibiliza, explicitamente, uma UC de ES “Sexualidade, Saúde e Educação” e uma outra a UC “Educação para a Igualdade de género”, ambas opcionais. Em 5 IES, as UC relacionadas, integram, sobretudo, a dimensão da saúde com a sexualidade e a reprodução humana, mas também, a educação sexual e a igualdade de género<sup>15</sup> (Teixeira, Rodrigues & Oliveira, 2019).

Perante tal panorama ao longo da escolaridade e no ensino superior, em cursos que habilitam para a docência, surgiram as questões: i) O que sabem, o que pensam e como agem sobre sexualidade e igualdade de género os e as estudantes do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º CEB em formação em 2 instituições públicas de ensino superior? ii) Estão os e as futuros/as educadores/as e professores/as do 1.º CEB, científica e pedagogicamente preparados/as para abordar a ES no Jardim de Infância e/ou poder lecioná-la em escolas do 1.º CEB, como preconizado na legislação em vigor (Lei n.º 60/2009 e Portaria n.º 196-A/2010)?

Neste artigo apresenta-se uma parte do estudo, realizado em Portugal, tendo como objetivo: a identificação de conhecimentos, atitudes e comportamentos de futuros/as Educadores/as de Infância e de Professores/as do 1.º CEB a respeito da sexualidade e género. Os resultados obtidos são mais adiante discutidos, sendo propostas, no final, recomendações para a formação destes/as profissionais.

## 2. MÉTODO

Tendo em conta o objetivo, este estudo, de natureza predominantemente qualitativa com recurso a técnicas de análise de dados quantitativas, reveste-se de uma orientação analítica e descritiva.

A fim de identificar conhecimentos, atitudes e comportamentos sobre sexualidade e igualdade de género, de futuros/as Educadores/as e Professores/as foi administrado, em 2017, um questionário (online) a estudantes do último ano do curso de mestrado em

---

<sup>15</sup> Tal acontece em UC, constantes dos respetivos planos de estudo, denominadas “Educação para a Saúde”, “Educação e Promoção da Saúde”, “Biologia Humana e Saúde”, “Ciências da Terra e da Vida”, “Integração de Ciências Natureza II” (Teixeira, Rodrigues & Oliveira, 2019).

Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º CEB de duas IES públicas (uma Universidade e um Instituto Politécnico). A construção do questionário, de escolha múltipla, teve por base o estudo de Veiga et al. (2006), tendo sido acrescentada uma questão sobre sexismo e violência de género e outra sobre orientação e diversidade sexual.

O questionário foi aplicado a 97 estudantes (42% estudantes de uma Universidade e 58% de um Instituto Politécnico), após consentimento informado obtido mediante a explicitação dos seus objetivos e garantia do anonimato.

O formato maioritariamente fechado do questionário permitiu uma análise quantitativa dos dados, realizada através de cálculos de estatística descritiva.

### 3. RESULTADOS

#### 3.1. Participantes

A maioria das/os participantes (N=97) são mulheres (98%), entre os 21 e os 25 anos (92%), solteiras/os (57% com parceiro/a e 41% sem parceiro/a), heterossexuais (97%), católicas/os (48%) e sem preferência política (77%).

#### 3.2. Formação Institucional

A temática da sexualidade foi abordada durante a educação formal da grande maioria de estudantes (97%): 31% no ensino básico, 39% no ensino secundário; e 30% no ensino superior. Se para 57% a abordagem da temática em contexto de educação formal *contribuiu bastante* para o seu desenvolvimento pessoal e 2% admitiu que foi *suficiente*, houve, no entanto 31% que consideraram que *contribuiu pouco*, 8% *muito pouco* e 2% *nada*. A aprendizagem da sexualidade em contexto formal foi referida como sendo *muito importante* para apenas 30% das/os estudantes. As/os restantes, consideram-na *equivalente* à dos contextos informais (47%) ou *pouco importante* (23%).

Relativamente à opinião sobre a abordagem da temática da sexualidade no 1.º CEB, 99% considerou que *é uma tarefa em que a escola deve participar; um assunto controverso porque nem todas as famílias concordam; e é importante, mas os/as docentes não estão preparados/as para a tarefa*. Quanto à preparação para essa abordagem, uma grande parte de estudantes (85%) afirmou não se sentir preparada/o, principalmente devido à *falta de conhecimentos científicos-didáticos* (40%), *falta de formação durante*

*a escolaridade (30%), medo da reação das famílias (18%) e falta de materiais de apoio (12%).*

### **3.3. Conhecimento científico de base**

#### **3.3.1. Anatomia e fisiologia do sistema reprodutor**

No que respeita à designação do órgão sexual externo da mulher, 58% de estudantes designaram corretamente *vulva* e 42% responderam incorretamente *vagina*. Já a designação correta do órgão sexual externo do homem, *pénis*, foi identificada por 97% das e dos participantes.

Relativamente ao período menstrual no ciclo da mulher, apenas 45% das/os estudantes situaram-no corretamente no *início do ciclo*, sendo que 41% localizaram-no no *final do ciclo* e 13% *a meio do ciclo*. Relativamente ao fenómeno que origina a hemorragia associada à menstruação, 52% responderam corretamente *descamação da parede do útero*; enquanto 26% respondeu *libertação do ovócito não fecundado* e 23% *expulsão do ovócito não fecundado*. Quanto ao período fértil, 75% situou-o corretamente *a meio do ciclo*, enquanto 12% localizou-o no *final do ciclo* e 12% no *início do ciclo*. Já no que respeita ao período de ovulação, apenas 35% responderam corretamente *no 14.º dia após o início da menstruação*.

O conceito de fecundação, *junção de um ovócito com um espermatozoide*, apenas foi identificado corretamente por 33% das/os estudantes, sendo que 51% respondeu *penetração do espermatozoide no ovócito*, 10% *junção de um ovo com um espermatozoide* e 6% *penetração de vários espermatozoides no ovócito*. Foram 46% as e os estudantes que indicaram a *trompa de Falópio* como o local onde geralmente ocorre a fecundação, no entanto, 39% responderam *ovário*, 13% *útero* e 1% *colo do útero*. A definição correta de ejaculação, *libertação de esperma*, foi indicada por 61% dos estudantes, tendo 31% respondido *libertação de espermatozoides*, 7% *libertação de espermatozoides para a fecundação* e 1% *produção de esperma*.

#### **3.3.2. Infecção por VIH e Sida**

Em relação à forma como o VIH é transmitido, foram corretamente selecionadas as respostas partilha de seringas e agulhas (23%), relação sexual desprotegida (22%),

transfusões sanguíneas (18%), gravidez, parto e amamentação (12%) e transplante de órgãos (9%). Por outro lado, 4% selecionaram incorretamente as respostas ida ao barbeiro, 4% ida a manicure/pedicure, 4% picada de insetos, 3% tratamento dentário e 1% beijo. Ninguém identificou o aperto de mão como forma de transmissão.

Em relação aos grupos mais vulneráveis à transmissão pelo VIH, 67% selecionaram corretamente a resposta Pessoas com práticas de risco, independentemente da sua orientação sexual, e em situações de risco. Porém, 30% ainda associa grupos vulneráveis a Grupos de risco (homossexuais, prostitutas/os, toxicodependentes, ...), e apenas 3% selecionaram a resposta Heterossexuais.

### **3.3.3. Orientação e diversidade sexual**

No que respeita à temática da orientação e diversidade sexual, foram corretamente assinaladas como sendo verdadeiras as seguintes afirmações: *A bissexualidade é o resultado de uma orientação sexual que envolve desejo, atração e relações sexuais por pessoas de ambos os sexos (88%); O termo lésbica utiliza-se para designar mulheres com uma orientação homossexual que mantém ou não relações sexuais com outras mulheres (85%); O termo gay utiliza-se para designar homens com uma orientação homossexual que mantém ou não relações sexuais com outros homens (78%)*. Foram ainda consideradas verdadeiras, pelas/os estudantes, as afirmações: *A identidade de género refere-se a certas normas culturais relacionadas com o comportamento feminino ou masculino (44%); As pessoas transexuais apenas se identificam com um género diferente do sexo com que nasceram (36%) e A identidade sexual só se refere à identificação com os órgãos sexuais com que se nasce (4%)*.

### **3.3.4. Sexismo e violência de género**

Relativamente ao sexismo e violência de género, foram corretamente assinaladas como verdadeiras, as afirmações: *O sexismo é uma forma de discriminação através da qual se recusa a igualdade, dignidade ou direitos, em função do sexo (70%) e A transfobia refere-se à discriminação para com as pessoas transexuais ou transgénero (69%)*. Houve 10% que assinalaram como verdadeira a afirmação *A homofobia é a atitude violenta sobre as pessoas que só manifestam orientação sexual feminina (lésbica), revelando desconhecer que a homofobia se aplica a quem é homossexual (lésbica ou gay)*.

### 3.4. Comportamentos sexuais

Em relação aos comportamentos sexuais, verificou-se que 96% de estudantes eram sexualmente ativos: 54% respondeu ter tido a primeira relação sexual entre os 15 e os 18 anos, 37% depois dos 18 anos e 5% entre os 12 e os 15 anos. Os restantes 4% responderam ainda não tive (a primeira relação sexual) e a razão apontada para não serem sexualmente ativos foi não ter parceiro/a.

No que diz respeito à masturbação, 55% dos estudantes responderam nunca praticar, 43% respondeu às vezes e 2% frequentemente.

Os resultados apresentados em seguida dizem respeito apenas às e aos 93 estudantes que referiram ser sexualmente ativos (96%). Assim, relativamente à quantidade de parceiros/as, 58% disseram ter tido relações sexuais com duas a cinco pessoas, 39% com uma pessoa e 3% com mais do que cinco pessoas.

Quanto à prática de sexo oral, 60% responderam praticar frequentemente, 23% nunca e 17% afirmaram tê-lo feito uma vez. No que respeita à prática de sexo anal, 71% dos estudantes responderam nunca, 20% frequentemente e 9% afirmaram tê-lo feito uma vez.

A maioria (97%) de estudantes assinalou que nunca teve relações sexuais com parceiros/as do mesmo sexo; apenas 2% indicou tê-lo feito uma vez e 1% frequentemente.

No que respeita à frequência da prática de relações com outras pessoas quando existe um/a parceiro/a estável, apenas 2% respondeu fazê-lo às vezes – todos os outros responderam nunca.

Foram 40% as e os estudantes que afirmaram atingir às vezes o orgasmo durante a relação sexual, 39% referiu frequentemente, 12% nunca e 10% respondeu sempre.

Considerando 57 estudantes que, à data, referiram ter um/a parceiro/a sexual (55 solteiras/os com parceiros/as e 2 casadas/os), os métodos contraceptivos que mais usam são a pílula (54%) e o preservativo (33%). No entanto, 9% referiram o coito interrompido, 2% referiram nenhum e também 2% referiram outro(s), sem que os indicassem. Quanto às razões apontadas pelas/os 2% que referiram não usar nenhum método contraceptivo, um não respondeu e o outro referiu o parceiro é o mesmo.

Quanto à frequência da utilização de preservativo com parceiro/a habitual também considerando os estudantes que, então assinalaram ter parceiro/a sexual (n= 57), 33% referiu nunca utilizar, 32% às vezes, 21% sempre e 14% frequentemente. As razões apontadas pelas/os que não utilizam sempre o preservativo (i.e., os que referiram às vezes, nunca e frequentemente) são: confia nele/a (45%), diminui o prazer (21%), 26% não

responderam, esquece-se de o usar (3%), o seu/sua parceiro/a não é a favor do uso (3%) e sou contra o seu uso (2%).

Centrando-nos na frequência da utilização de preservativo com parceiros/as ocasionais – aqui voltando a considerar-se as/os 93 estudantes sexualmente ativos (96%), 34% referiram utilizar sempre, 7% às vezes, 4% nunca e também 4% frequentemente. De referir que 51% das/os estudantes não respondeu. As razões apontadas pelos que não utilizam sempre preservativo (i.e., os que referiram às vezes, nunca e frequentemente) com parceiros/as ocasionais são praticamente as mesmas das apontadas para a não utilização com parceiros/as habituais (não se verificando apenas a resposta o seu/sua parceiro/a não é a favor do uso): 42% não responderam, confia nele/a (39%), diminui o prazer (10%), esquece-se de o usar (7%) e é contra o seu uso (2%).

### **3.5. Motivações para as relações sexuais**

Estimulação e carícias é o aspeto que a maioria dos estudantes (entre os sexualmente ativos) valoriza na relação sexual (62%), seguido do orgasmo (23%) e da penetração vaginal/oral/anal (15%), tendo ainda existido quem referisse outra (1%), tendo acrescentado: “O amor e a entrega das pessoas”. As razões que mais motivam a fazer sexo são: prazer de ambos / prazer do/a parceiro/a / prazer pessoal (40%), estar emocionalmente envolvido/a com o/a parceiro/a (35%), atração do/a parceiro/a (25%) e reprodução (1%).

Relativamente à frequência das relações sexuais (dos sexualmente ativos), 34% referiu uma a três vezes por semana, 29% nenhuma, 29% uma vez por semana e 8% mais de 3 vezes por semana.

### **3.6. Crenças a respeito da sexualidade**

A partir de um conjunto de afirmações apresentadas, verificou-se que 93% concordam com a frase: Eu aceito e respeito outras opções sexuais diferentes da minha (homossexualidade, heterossexualidade, etc.); 65% A experiência sexual antes do casamento ou viver juntos/as é bom para a vida em comum. Para 56% O sexo está mais associado ao prazer do que à reprodução e para 42% O sexo só faz sentido se existir amor. Há 34% que considera que Muitos dos problemas vivenciados pelos/as jovens são o resultado de relações sexuais com múltiplos/as parceiros/as e 18% considera que É



aceitável ter relações sexuais ocasionais com vários/as parceiros/as”. Para 13% Os homens praticam mais relações sexuais que as mulheres. São 3% os que concordam que A prostituição é um meio de vida que deve ser aceite. São muito poucos (2%) os que consideram que Quanto menos se está comprometido/a, melhor é a relação sexual e A masturbação é imoral (1%). Ninguém considerou que É agradável ter sexo na presença de outros/as, nem O uso de materiais sexuais eróticos ajuda a ter maior prazer durante a relação sexual.

#### **4. DISCUSSÃO E CONCLUSÕES**

No que respeita aos conhecimentos científicos, designadamente, ao sistema reprodutor humano, contata-se que à semelhança do estudo de Veiga et al. (2006), as/os participantes mostram conhecer melhor a anatomia e fisiologia do homem do que a da mulher, não só a designação de cada um dos órgãos genitais, mas também no respetivo funcionamento. Sobre a infeção por VIH e Sida, a maioria de estudantes revela possuir (in)formação adequada, no entanto, quando se analisam os seus comportamentos sexuais, de entre as/os sexualmente ativas/os, há quem continue a ter relações sexuais desprotegidas com o/a parceiro/a habitual e/ou com parceiros/as ocasionais.

Alguns estudos (Dias, 2009; Matos, 2010) têm vindo a evidenciar que o desfasamento entre os conhecimentos que os/as jovens possuem nomeadamente a respeito dos contraceptivos como a pílula e o preservativo na prevenção da gravidez e, apenas do preservativo na prevenção de infeções sexualmente transmissíveis, aliado a práticas de uso inconsistente do preservativo nas relações íntimas, contribui para relacionamentos sexuais não seguros. Ao invés, a masturbação, sendo uma atividade segura que proporciona autoconhecimento e prazer, parece não ser uma prática generalizada entre as/os participantes. O facto da maioria ser do sexo feminino pode justificar as respostas, uma vez que a masturbação, fruto de mitos e tabus, ainda está muitas vezes ligada a sentimentos de culpa e vergonha. Para além dos aspetos referidos, também a constatação de que, cada vez mais cedo, se inicia a primeira relação sexual, tem gerado recomendações no sentido de se realizarem mais estudos e programas na área dos comportamentos sexuais saudáveis (Dias, 2009; Matos, 2010, UNESCO, 2010).

Relativamente às crenças a respeito da sexualidade, verificou-se que alguns e algumas estudantes assinalaram concordar com a afirmação que aceita e respeita a homossexualidade e a heterossexualidade, como “opções sexuais”. Tal resposta denota

desconhecimento acerca da orientação sexual, pese embora no questionário terem assinalado corretamente afirmações que a ela se referiam. Apesar da maioria valorizar a estimulação e as carícias na relação sexual, não houve ninguém que concordasse com o uso de materiais eróticos a fim de possibilitar maior prazer.

Retomando o objetivo central do estudo, os resultados obtidos evidenciam a existência de lacunas na formação científica sobre sexualidade e género em futuros/as docentes, o que poderá ter efeitos quer na abordagem das temáticas com as crianças, quer nas suas atitudes e comportamentos sexuais. Torna-se assim premente continuar a investir na formação inicial, reforçando ou incluindo o direito à educação em sexualidade com perspectiva de género nos currículos de formação de educadores/as e professores/as do 1.º CEB, mediante estratégias que promovam a investigação, possibilitem e valorizem os conhecimentos científicos, sociais e culturais, a reflexão e o pensamento crítico.

## **REFERÊNCIAS**

- Dias, S. (2009). Comportamentos sexuais nos adolescentes: promoção da saúde sexual e prevenção do VIH/SIDA. Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e Tecnologia.
- Giddens, A. (2010). Sociologia (8th ed.). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Matos, M. & Equipa do Projeto Aventura Social & Saúde (2010). A Saúde dos adolescentes portugueses (Relatório do estudo HBSC 2010). Edições FMH.
- Organização Mundial de Saúde. (2000). Promoción da la salud sexual. Recomendaciones para la acción. OPS/OMS.
- Teixeira, F. & Marques, F. M. (2012). A educação em sexualidade e os media. Revista ELO, 19(Junho), 15-21.
- Teixeira, F. & Marques, F.M. (2016). Sexualidad y género en la formación inicial de los e de las docentes. In A. Mateos Jiménez & A. Manzanares Moya (Eds.), Mejores Maestros, Mejores Educadores: Innovación y Propuestas en Educación. Ediciones Aljibe.
- Teixeira, F., Rodrigues, A. V., & Oliveira, D. (2019). Sexuality Education and Teacher Training in Portugal. In M. Carmo (Ed.), Education and New Developments 2019 – Volume I (pp. 29-33). InScience Press.

UNESCO (2010). Orientaciones técnicas internacionales sobre educación em sexualidade: um enfoque baseado em evidencia orientado a escuelas, docentes y educadores de la salud. UNESCO.

Veiga, L., Teixeira, F., Martins, I., & Meliço-Silvestre, A. (2006). Sexuality and human reproduction: A study of scientific knowledge, behaviours and beliefs of Portuguese future elementary school teachers. *Sex Education*, 6(1), 17–29. <https://doi.org/10.1080/14681810500508915>.

# Experiencias e Investigaciones en Contextos Educativos



**Francisco Javier Hinojo Lucena**  
**Fernando José Sadio Ramos**  
**Juan Antonio López Núñez**  
**José María Romero Rodríguez**

# **Experiencias e investigaciones en contextos educativos**

Francisco Javier Hinojo Lucena

Fernando José Sadio Ramos

Juan Antonio López Núñez

José María Romero Rodríguez

*Dykinson, S.L.*

Todos los derechos reservados. Ni la totalidad ni parte de este libro, incluido el diseño de la cubierta, puede reproducirse o transmitirse por ningún procedimiento electrónico o mecánico.

Cualquier forma de reproducción, distribución, comunicación pública o transformación de esta obra solo puede ser realizada con la autorización de sus titulares, salvo excepción prevista por la ley.

Diríjase a CEDRO (Centro Español de Derechos Reprográficos) si necesita fotocopiar o escanear algún fragmento de esta obra ([www.conlicencia.com](http://www.conlicencia.com); 91 702 19 70 / 93 272 04 47)

© Copyright by

Los autores

Madrid, 2020

Editorial DYKINSON, S.L. Meléndez Valdés, 61 - 28015 Madrid

Teléfono (+34) 91 544 28 46 - (+34) 91 544 28 69

e-mail: [info@dykinson.com](mailto:info@dykinson.com)

<http://www.dykinson.es>

<http://www.dykinson.com>

Consejo Editorial véase [www.dykinson.com/quienessomos](http://www.dykinson.com/quienessomos)

Los editores del libro no se hacen responsables de las afirmaciones ni opiniones vertidas por los autores de cada capítulo. La responsabilidad de la autoría corresponde a cada autor, siendo responsable de los contenidos y opiniones expresadas.

El contenido de este libro ha sido sometido a un proceso de revisión y evaluación por pares ciegos.

ISBN: 978-84-1377-171-7

## ÍNDICE

### **CAPÍTULO 1 FORMACIÓN DOCENTE EN INTELIGENCIA EMOCIONAL EN LA ETAPA DE EDUCACIÓN PRIMARIA**

MARÍA PILAR CÁCERES RECHE, CARMEN RODRÍGUEZ JIMÉNEZ, JUAN CARLOS DE LA CRUZ CAMPOS Y JOSÉ ANTONIO MARTÍNEZ DOMINGO ..... 8

### **CAPÍTULO 2 MOBILE LEARNING EN CENTROS EDUCATIVOS PÚBLICOS Y PRIVADOS DE ESPAÑA**

JOSÉ ANTONIO MARÍN MARÍN, MARÍA NATALIA CAMPOS-SOTO, JUAN CARLOS DE LA CRUZ-CAMPOS Y JOSÉ ANTONIO MARTÍNEZ DOMINGO ..... 16

### **CAPÍTULO 3 COMPETENCIA DIGITAL DOCENTE EN EL PROFESORADO DE EDUCACIÓN DE ADULTOS. UN ANÁLISIS EXPLORATORIO**

INMACULADA AZNAR DÍAZ, MAGDALENA RAMOS NAVAS-PAREJO, GERARDO GÓMEZ GARCÍA Y MARTA ESTÉVEZ LA PAZ ..... 29

### **CAPÍTULO 4 ANALISIS DE INTERVENCION CON FAMILIAS INMIGRANTES EN UN ENTORNO RURAL**

CARLOTA CENA CUADRA, JUAN MANUEL TRUJILLO TORRES, GERARDO GÓMEZ GARCÍA Y INMACULADA ÁVALOS RUIZ ..... 42

### **CAPÍTULO 5 CONCEPTUALIZACIÓN DE FLIPPED CLASSROOM Y SU EFICIENCIA DESDE LA ENSEÑANZA VIRTUAL**

SANTIAGO ALONSO GARCÍA, MAGDALENA RAMOS NAVAS-PAREJO, CARMEN RODRÍGUEZ JIMÉNEZ Y BLANCA BERRAL ORTIZ ..... 51

### **CAPÍTULO 6 HERRAMIENTAS EFICACES PARA LA APLICACIÓN DEL *FLIPPED LEARNING* EN LAS AULAS**

ARTURO FUENTES CABRERA, SANTIAGO POZO SÁNCHEZ, MARINA GARCÍA-CARMONA Y ANTONIO MANUEL RODRÍGUEZ-GARCÍA ..... 62

### **CAPÍTULO 7 APLICACIÓN DE FLIPPED LEARNING EN LA ASIGNATURA DE EDUCACIÓN FÍSICA. ANÁLISIS BIBLIOMÉTRICO**

JESÚS LÓPEZ-BELMONTE, ANTONIO-JOSÉ MORENO-GUERRERO, BLANCA BERRAL-ORTIZ Y MARÍA-NATALIA CAMPOS-SOTO ..... 76

### **CAPÍTULO 8 PROTOCOLO DE REVISIÓN SISTEMÁTICA SOBRE LA EFICACIA DE LOS PROGRAMAS DE APRENDIZAJE SOCIAL Y EMOCIONAL EN CONTEXTOS IBEROAMERICANOS**

FRANCISCO D. FERNÁNDEZ-MARTÍN, JOSÉ-MARÍA ROMERO-RODRÍGUEZ, GERARDO GÓMEZ-GARCÍA Y ANTONIO-JOSÉ MORENO-GUERRERO ..... 89

**CAPÍTULO 9 ASPECTOS SOBRE EL ESTILO DE APRENDIZAJE EN LA EDUCACIÓN SUPERIOR**

MARÍA PILAR CÁCERES RECHE, INMACULADA AZNAR DÍAZ, FRANCISCO JAVIER HINOJO LUCENA, JUAN MANUEL TRUJILLO TORRES Y JOSÉ MARÍA ROMERO RODRÍGUEZ ..... 101

**CAPÍTULO 10 ACTITUDES INCLUSIVAS DEL PROFESORADO NO UNIVERSITARIO**

JOSÉ LUIS GALLEGO ORTEGA, ANTONIA NAVARRO RINCÓN Y MARÍA JOSÉ CARRILLO LÓPEZ ..... 110

**CAPÍTULO 11 INSTRUMENTOS PARA LA MEDICIÓN ACTITUDINAL DOCENTE HACIA LA EDUCACIÓN INCLUSIVA**

ANTONIO RODRÍGUEZ FUENTES, LINETH ALAÍN BOTACIO, CARMEN DEL PILAR GALLARDO MONTES Y ROCÍO MORANO SALADO ..... 119

**CAPÍTULO 12 ACTITUDES INCLUSIVAS DE LOS ESTUDIANTES DURANTE SU FORMACIÓN PARA DOCENTES**

MARÍA JESÚS CAURCEL CARA, EMILIO CRISOL MOYA Y SONIA JARQUE FERNÁNDEZ ..... 130

**CAPÍTULO 13 LAS ACTITUDES INCLUSIVAS DEL PROFESORADO DE LA UNIVERSIDAD DE GRANADA EN TITULACIONES DE CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN**

CHRISTIAN ALEXIS SÁNCHEZ NÚÑEZ, ANTONIO GARCÍA GUZMÁN Y VANESA LÓPEZ BÁEZ ..... 140

**CAPÍTULO 14 POLÍTICAS EN LA (DES) CAPITALIZACIÓN DE LA ARTICULACIÓN DE EDUCACIÓN Y TRABAJO**

FRANCISCO JAVIER GÁRATE VERGARA ..... 155

**CAPÍTULO 15 ARTICULACIÓN ENTRE EDUCACIÓN TÉCNICA PROFESIONAL Y TRABAJO PARA LA PROMOCIÓN DEL DESARROLLO HUMANO Y LOS EFECTOS ECONÓMICOS DE LA PANDEMIA**

CECILIA ALEJANDRA MARAMBIO CARRASCO Y JOAQUÍN GAIRÍN SALLÁN ..... 163

**CAPÍTULO 16 ¿CÓMO QUEREMOS QUE LA INGENIERÍA APORTE A LA INDUSTRIA? MIRADA DESDE UN JOVEN UNIVERSITARIO**

MAGDALENA VARGAS CLARO, PABLO ROMERO RODRÍGUEZ Y BIANCA ÁLVAREZ LEVIO ..... 173

**CAPÍTULO 17 TRAYECTORIA FORMATIVA DE LA EDUCACIÓN TÉCNICA PROFESIONAL: PROCESOS DE ARTICULACIÓN ENTRE SECUNDARIA Y UNIVERSITARIA**



CARLOS MUÑOZ SÁNCHEZ, SEGUNDO MUÑOZ SÁNCHEZ Y CECILIA MARAMBIO CARRASCO.....	180
<b>CAPÍTULO 18 TIPOS DE RACIONALIDADES Y MODELO PARA SU IDENTIFICACIÓN EN PROCESOS DE ENSEÑANZA APRENDIZAJE DE CONTADORES AUDITORES</b>	
LUIS FELIPE MADARIAGA Y MAGDALENA VARGAS-CLAROS .....	188
<b>CAPÍTULO 19 _EL DESPLAZAMIENTO ACTIVO AL CENTRO EDUCATIVO COMO ALTERNATIVA DE ACTIVIDAD FÍSICA SOSTENIBLE Y SEGURA EN TIEMPOS POSTPANDEMIA</b>	
EMILIO VILLA-GONZÁLEZ Y YAIRA BARRANCO-RUIZ.....	203
<b>CAPÍTULO 20 ENTRENAMIENTO DE FUERZA EN POBLACIÓN INFANTIL DENTRO DEL MODELO CONTEMPORÁNEO DE APRENDIZAJE Y DESARROLLO DE HABILIDADES FUNDAMENTALES DE MOVIMIENTO</b>	
EMILIO VILLA-GONZÁLEZ.....	219
<b>CAPÍTULO 21 ASOCIACIÓN DEL ENTORNO PERCIBIDO CON EL NIVEL DE ACTIVIDAD FÍSICA Y EL MODO DE DESPLAZAMIENTO AL CENTRO EDUCATIVO EN ADOLESCENTES ESPAÑOLES</b>	
PATRICIA GÁLVEZ FERNÁNDEZ, JESÚS MACÍAS SÁNCHEZ Y PALMA CHILLÓN GARZÓN.....	234
<b>CAPÍTULO 22 EL JUEGO Y LA GAMIFICACIÓN EN LA ESCUELA PARA LA PROMOCIÓN DE ACTIVIDAD FÍSICA: APROXIMACIONES CONCEPTUALES Y CLAVES PARA SU IMPLEMENTACIÓN EN EDUCACIÓN FÍSICA</b>	
ROMINA GISELE SAUCEDO-ARAUJO, PABLO CAMPOS-GARZÓN Y YAIRA BARRANCO-RUIZ.....	246
<b>CAPÍTULO 23 EDUCATIONAL INNOVATION PROJECT ‘DESAM’: DEVELOPING CONTENT FOR A LOW-COST, UNIVERSAL ACCESSIBILITY SYSTEM FOR AUDIO DESCRIPTION AND AUDIO GUIDANCE OF BUILDINGS AT THE UNIVERSITY OF GRANADA</b>	
ANTONIO JAVIER CHICA-NÚÑEZ.....	268
<b>CAPÍTULO 24 EL AULA INVERTIDA Y LA ALFABETIZACIÓN MEDIÁTICA INFORMACIONAL COMO HERRAMIENTAS PARA ENSEÑAR METODOLOGÍAS DOCENTES DE LENGUA EXTRANJERA INGLÉS EN LA NUEVA NORMALIDAD</b>	
CORAL IVY HUNT-GÓMEZ .....	278
<b>CAPÍTULO 25 TOCAR PARA APRENDER: LOS DIAGRAMAS TÁCTILES PARA FINES EDUCATIVOS CON ALUMNOS CIEGOS Y CON BAJA VISIÓN</b>	
M OLALLA LUQUE COLMENERO .....	288

**CAPÍTULO 26 LAS MODALIDADES DE TRADUCCIÓN ACCESIBLE COMO HERRAMIENTAS DEL DISEÑO UNIVERSAL DEL APRENDIZAJE EN LA ENSEÑANZA SUPERIOR ONLINE**

NURIA CABEZAS GAY ..... 297

**CAPÍTULO 27 ACCESIBILIDAD A LOS CONTENIDOS AUDIOVISUALES PARA PERSONAS CON DISCAPACIDAD AUDITIVA**

SILVIA MARTÍNEZ MARTÍNEZ ..... 309

**CAPÍTULO 28 EL APRENDIZAJE DE LA LENGUA DE SIGNOS COMO SEGUNDA LENGUA DESDE LAS POLÍTICAS ACTIVAS DE EMPLEO**

AINHOA ABÁSULO ELICES ..... 319

**CAPÍTULO 29 ARTE Y DIVERSIDAD FUNCIONAL: ASPECTOS SOSTENIBLES PARA UNA EDUCACIÓN INCLUSIVA**

CRISTINA MARÍN PERABÁ ..... 329

**CAPÍTULO 30 LA INTERVENCIÓN ASISTIDA CON ANIMALES: OPCIONES DE FUTURO PARA UNA INCLUSIÓN EDUCATIVA SOSTENIBLE**

CARMEN FLORES MELERO ..... 339

**CAPÍTULO 31 EL FUTURO DE LA EDUCACIÓN INCLUSIVA**

ANTONIO HERNÁNDEZ FERNÁNDEZ ..... 348

**CAPÍTULO 32 LA SOSTENIBILIDAD EDUCATIVA: FORMACIÓN DOCENTE EN NEURODIDÁCTICA**

DAVID MORENO MOLINA ..... 355

**CAPÍTULO 33 LA INTERCULTURALIDAD EN LA FORMACIÓN DE LOS FUTUROS DOCENTES: PROMOVRIENDO UNA EDUCACIÓN SOSTENIBLE**

MARÍA DEL CARMEN MARTÍNEZ NIETO ..... 366

**CAPÍTULO 34 LA CONTRIBUCIÓN DE LA EDUCACIÓN GEOGRÁFICA PARA ALCANZAR LOS OBJETIVOS DE DESARROLLO SOSTENIBLE**

JOSÉ MANUEL CRESPO CASTELLANOS Y ÁYAR VENTURA RODRÍGUEZ DE CASTRO  
..... 376

**CAPÍTULO 35 ENSEÑANZA ACTIVA DE PROBLEMÁTICAS GEOGRÁFICAS EN LA FORMACIÓN DEL PROFESORADO DE EDUCACIÓN PRIMARIA**

ÁNGEL ISIDRO MIGUEL GARCÍA Y JOSÉ IGNACIO ORTEGA CERVIGÓN ..... 386

**CAPÍTULO 36 ARTE, EDUCACIÓN Y SOSTENIBILIDAD. UNA PROPUESTA PARA EL TRABAJO INTERDISCIPLINAR EN CIENCIAS SOCIALES A TRAVÉS DEL DOCUMENTAL *WASTE LAND* (2009)**

JESÚS ÁNGEL SÁNCHEZ RIVERA.....	397
.....	404
<b>CAPÍTULO 37 EDUCACIÓN Y MEDIO RURAL. «VUELTA A LA TIERRA: DEL CAMPO A LA MESA», EXPERIENCIA DIDÁCTICA PARA 3º DE EDUCACIÓN SECUNDARIA OBLIGATORIA</b>	
SERGIO RODERO JIMÉNEZ.....	408
<b>CAPÍTULO 38 MEJORA DE LAS COMPETENCIAS DE REDACCIÓN Y ESCRITURA ACADÉMICA EN EL ÁMBITO UNIVERSITARIO A TRAVÉS DE LAS TIC</b>	
NATALIA DEL PINO BRUNET, SILVIA ESCOBAR FUENTES Y JUAN ANTONIO HERRERA FERNÁNDEZ.....	418
<b>CAPÍTULO 39 PROPUESTA DE METODOLOGÍAS ACTIVAS EN LA TITULACIÓN DE TERAPIA OCUPACIONAL PARA MOTIVAR LA INCLUSIÓN DE LAS PERSONAS CON DIVERSIDAD FUNCIONAL</b>	
MARÍA DEL CARMEN RODRÍGUEZ-MARTÍNEZ Y ARACELI ORTIZ-RUBIO .....	429
<b>CAPÍTULO 40 USO DE LAS TIC PARA LA ORGANIZACIÓN DE LAS ASIGNATURAS PRÁCTICAS EN LA EDUCACIÓN SUPERIOR</b>	
PAULA PERAL GÓMEZ, MARÍA CRISTINA ESPINOSA SEMPERE, ALICIA SÁNCHEZ PÉREZ Y VERÓNICA COMPAÑY DEVESA .....	439
<b>CAPÍTULO 41 MODELAGEM DE DISCIPLINA POR COMPETÊNCIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA BRASILEIRA EM TEMPOS DE COVID-19</b>	
MARIA DO CARMO DUARTE FREITAS, REGIANE PIONTKIEWICZ Y ELONI DOS SANTOS PERIN.....	452
<b>CAPÍTULO 42 BUILDING A TRANSITION TO THE ENGINEERING FIELDWORK THROUGH PROJECT-BASED LEARNING</b>	
LAY-WAH CAROLINA CHING-CHIANG, AND DIEGO FERNANDO CARRERA MORENO .....	461
<b>CAPÍTULO 43 ESTUDIO DE CASO DE LAS PERCEPCIONES DE LOS FUTUROS MAESTROS DE PRIMARIA SOBRE EL USO DE JUEGOS DIGITALES SERIOS COMO METODOLOGÍA EMERGENTE PARA EL APRENDIZAJE DE UNA MATERIA</b>	
BEGOÑA E. SAMPEDRO-REQUENA Y ESTHER Mª. VEGA GEA.....	471
<b>CAPÍTULO 44 APRENDIZAJE-SERVICIO COMO METODOLOGÍA INNOVADORA EN EL CONTEXTO UNIVERSITARIO</b>	
MARÍA DOLORES HIDALGO ARIZA Y MARÍA JOSÉ MARTÍNEZ CARMONA.....	482
<b>CAPÍTULO 45 EL USO DE VIDEOJUEGOS EN EL DESARROLLO DE LOS PROCESOS DE ENSEÑANZA Y APRENDIZAJE: VENTAJAS E INCONVENIENTES</b>	

JUAN MANUEL MUÑOZ GONZÁLEZ.....	490
<b>CAPÍTULO 46 LAS METODOLOGÍAS ACTIVAS EN LA EDUCACIÓN SUPERIOR A TRAVÉS DE LA FLIPPED CLASSROOM Y LA GAMIFICACIÓN</b>	
ESTHER M. VEGA-GEA Y BEGOÑA ESTHER SAMPEDRO REQUENA. ....	501
<b>CAPÍTULO 47 DE LA REALIDAD VIRTUAL A LA MIXTA: DIVEMIX COMO PROPUESTA DE ENTORNO DE TRABAJO EN EDUCACIÓN SECUNDARIA</b>	
VERÓNICA MARÍN DÍAZ .....	512
<b>CAPÍTULO 48 EARLY DROPOUT IN COLLEGE STUDENTS: THE INFLUENCE OF SOCIAL INTEGRATION, ACADEMIC EFFECTIVENESS, AND FINANCIAL STRESS</b>	
EMILIO JESÚS LIZARTE SIMÓN .....	519
<b>CAPÍTULO 49 METAS ACADÉMICAS Y ESTRATEGIAS DE APRENDIZAJE AUTÓNOMO EN LA FORMACIÓN DE PROFESIONALES DE LA SALUD</b>	
YOSBANYS ROQUE HERRERA, MARÍA PINILLOS URBE, ANA ELIZABETH MALDONADO LEÓN, GINA ALEXANDRA PILCO GUADALUPE Y EDGAR BROSSARD PEÑA.....	532
<b>CAPÍTULO 50 REPENSANDO LA OBSESIÓN POR EL CAMBIO DEL MODELO PERDAGÓGICO A COLACIÓN DE LA INTRODUCCIÓN DE LAS NUEVAS TECNOLOGÍAS EN ÉPOCA DE PANDEMIA</b>	
JOSE LUIS VILCHEZ TORNERO.....	546
<b>CAPÍTULO 51 “LITTERAE”, MÉTODO BASADO EN LA OBSERVACIÓN DEL APRENDIZAJE DE LA ESCRITURA CON ALUMNOS DE NECESIDADES EDUCATIVAS ESPECIALES. LITTERAE: MÉTODO DE PRE-ESCRITURA</b>	
ALICIA VÍLCHEZ TORNERO .....	560
<b>CAPÍTULO 52 NARRATIVAS DOCENTES SOBRE EDUCACIÓN EN IGUALDAD Y SEXUALIDAD</b>	
MARIA TERESA BEJARANO FRANCO, MONTSERRAT BLANCO GARCÍA .....	571
<b>CAPÍTULO 53 FORMACION INICIAL DOCENTE EN CASTILLA LA MANCHA Y COMPETENCIAS EN IGUALDAD Y SEXUALIDAD</b>	
IRENE MARTÍNEZ MARTÍN Y NATALIA HIPÓLITO RUÍZ .....	582
<b>CAPÍTULO 54 SEXUALIDADE E GÉNERO NA FORMAÇÃO INICIAL DE EDUCADORES/AS DE INFÂNCIA E DE PROFESSORES/AS DO 1.º CEB</b>	
FILOMENA TEIXEIRA, ANA V. RODRIGUES Y DIANA OLIVEIRA .....	593
<b>CAPÍTULO 55 FORMACIÓN DEL PROFESORADO EN AMBIENTES VIRTUALES DE APRENDIZAJE</b>	

OSCAR-YECID APARICIO-GÓMEZ, WILLIAM-OSWALDO APARICIO-GÓMEZ Y JENNY FABIOLA HERNÁNDEZ NIÑO .....	604
<b>CAPÍTULO 56 ANÁLISIS DE LOS DESAFÍOS DE LA FORMACIÓN DEL PROFESORADO EN MÉXICO ANTE LA COVID – 19</b>	
ALEXANDRO ESCUDERO-NAHÓN .....	614
<b>CAPÍTULO 57 ¿TRANSMEDIANDO EN EL BACHILLERATO?</b>	
JUAN GONZÁLEZ-MARTÍNEZ Y ANNA SÁNCHEZ-CABALLÉ .....	626
<b>CAPÍTULO 58 TECNOLOGÍAS, INCLUSIÓN Y FORMACIÓN. MIRADAS Y POSICIONAMIENTO EN CONTEXTOS DE CAMBIOS</b>	
SANDRA MARTÍNEZ-PÉREZ, BÁRBARA FERNÁNDEZ-ROBLES Y JUAN JESÚS GUTIÉRREZ-CASTILLO.....	636
<b>CAPÍTULO 59 TRANSFORMACIÓN ESCOLAR HACIA LA INCLUSIÓN DE PERSONAS SORDAS EN TIEMPOS DE PANDEMIA</b>	
PALOMA TREJO-MUÑOZ Y RODRIGO ORTIZ-SÁNCHEZ.....	647
<b>CAPÍTULO 60 CARACTERIZACIÓN DEL RENDIMIENTO EXCELENTE PARA LA COMPETENCIA MATEMÁTICA</b>	
RAMÓN GARCÍA PERALES, ASCENSIÓN PALOMARES RUIZ, MARÍA INÉS MARTÍN GARCÍA Y EMILIO LÓPEZ PARRA .....	659
<b>CAPÍTULO 61 ¿CÓMO AFRONTAR LA DESIGUALDAD Y LA EXCLUSIÓN SOCIAL?</b>	
ÁNGEL LUIS GONZÁLEZ OLIVARES Y JUANA Mª ANGUITA ACERO .....	669
<b>CAPÍTULO 62 ¿HACIA UNA VERDADERA ESCUELA INCLUSIVA: DISEÑO UNIVERSAL PARA EL APRENDIZAJE (DUA)</b>	
FRANCISCO JAVIER DOMÍNGUEZ RODRÍGUEZ E ISABEL GARCÍA MOLINA .....	678
<b>CAPÍTULO 63 INNOVACIÓN EN EDUCACIÓN INFANTIL EN EL MARCO DE LAS INTELIGENCIAS MÚLTIPLES Y LAS TAC</b>	
ALBERTO MORENO-DÍAZ, EMMA ESCRIBANO-PICAZO, EMILIO LÓPEZ-PARRA Y EDUARDO GARCÍA-TOLEDANO.....	687
<b>CAPÍTULO 64 PARTICIPACIÓN DE LA FAMILIA EN LA EDUCACIÓN INCLUSIVA</b>	
ÓSCAR NAVARRO MARTÍNEZ Y ESTHER PONCE BLÁZQUEZ .....	701
<b>CAPÍTULO 65 PROPUESTA DE INNOVACIÓN DOCENTE PARA MEJORAR LA EDUCACIÓN PARA LA PAZ A TRAVÉS DEL ARTE DEL ORIGAMI</b>	
MARIANO HERRÁIZ GASCUEÑA, ANDREA GRACIA ZOMEÑO Y AMPARO MARTÍNEZ CANO .....	710